

O PAPEL DA MITOLOGIA NA PSIQUE DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Gabriel Akira Sato de Góis¹

Luiza de Avelar Paula²

Maria do Desterro de Figueiredo³

RESUMO

A mitologia e a psique se relacionam desde os primórdios da humanidade. O mito surge como expressão da visão de mundo e de homem. A partir dessa expressão o objetivo do presente trabalho é compreender a possível relação entre o mito da saga do herói e o desenvolvimento da psique do homem contemporâneo. Por meio de revisão bibliográfica de teóricos da mitologia e da psicologia analítica, compreendemos que muitos processos psíquicos vivenciados no cotidiano do ser humano têm uma relação com o mito da saga do herói, o qual foi contado desde a antiguidade. Por meio dessa pesquisa compreende-se que o resgate da mitologia, como potencial do pensamento metafórico, pode auxiliar indivíduos vítimas de sofrimento psíquico, uma vez que não acolhem seus conteúdos inconscientes, mantendo-se apenas no pensamento dirigido que vem sendo reforçado atualmente pela sociedade contemporânea. Este trabalho visa contribuir para a comunidade acadêmica e para a sociedade como um todo, como possibilidade de compreensão simbólica das relações vividas no cotidiano e as histórias que nos contam de heróis desde a antiguidade, possibilitando uma reflexão além do que o pensamento

¹ Aluno do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2017-2018). *E-mail*: gabrielgois93@gmail.com

² Aluna do 9º período do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário. Voluntária do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2017-2018). *E-mail*: luiza1avelar@gmail.com

³ Mestre e Doutoranda em Medicina Interna pela Universidade Federal do Paraná. Professora da FAE Centro Universitário. Coordenadora do LATOS – Laboratório de Pesquisa em Transtornos Alimentares, Obesidade e Saúde Mental da Psicologia da FAE Centro Universitário. *E-mail*: maria.defigueiredo@fae.edu

cartesiano/dirigido nos proporciona. Esta pesquisa limita-se a ser um estudo bibliográfico ao invés de apenas uma revisão sistemática, podendo essa ser uma sugestão para estudos futuros através do levantamento de outros estudos realizados sobre a temática; ou então, como estudo de campo visando avaliar o grau de compreensão ou não sobre o pensamento metafórico numa população específica.

Palavras-chave: Pensamento Metafórico; Mitologia; Psique; Homem Contemporâneo; Psicologia Analítica.

INTRODUÇÃO

Segundo Jung (2011), existem dois tipos de pensamento. O pensamento dirigido e o pensamento metafórico, também conhecido como simbólico. O modo como as pessoas pensam é geralmente organizado em palavras, e por vezes o indivíduo pode pensar de forma tão intensa que o leva a falar sozinho ou até escrever e desenhar o problema para ser mais claro. Tal forma de pensar, ocorre por meio da linguagem, como se o indivíduo quisesse escrever ou dizer aquele pensamento. Tal mecanismo, o torna um pensamento dirigido, lógico, que se dirige inteiramente para fora, buscando adaptar-se à realidade e imitando uma sucessão de coisas objetivas.

O pensamento metafórico, por sua vez, é aquele que trabalha de forma inconsciente, ou melhor, à serviço do inconsciente, de forma espontânea, através de conteúdos psíquicos herdados (arquetipos). Ao comparar os dois tipos de pensamento, temos o dirigido como aquele que é trabalhoso, cansativo, produz novas aquisições, adaptações, imita e reage à realidade; e o metafórico afasta-se da realidade, libertando tendências subjetivos, não se atendo à adaptação (JUNG, 1986).

O conceito de “mito” tem sido compreendido de forma reducionista na atualidade. Entretanto, ele encontra-se presente em diversas estruturas da sociedade, dentre elas, política, ciência, cinema, entre outros (GODOY, 2015).

Atualmente é comum o uso da palavra “mito” para fazer referência a algo ilógico, falso ou equivocado, indicando falta de conhecimento técnico ou superstição. Um exemplo, são frases como “mitos da educação”, ou “dez mitos sobre estudar” (JÚNIOR, 2014 apud GODOY, 2015).

Jung ao comparar o homem primitivo e o homem “racional” da atualidade, afirma que o processo de civilização separou as pessoas das camadas mais instintivas e profundas da psique. No entanto, essa parcela da psique não foi perdida e se mantém como parte do inconsciente, expressando-se geralmente por meio de imagens oníricas (JUNG, 2008).

Sobre isso, Jung (2008, p 69) explica a importância da compreensão dos mitos:

O indivíduo é a única realidade. Quanto mais nos afastamos dele para nos aproximarmos de idéias abstratas sobre o homo sapiens mais probabilidades temos de erro. Nesta época de convulsões sociais e mudanças drásticas é importante sabermos mais a respeito do ser humano, pois muito depende das suas qualidades mentais e morais. Para observarmos as coisas na sua justa perspectiva precisamos, porém, entender tanto o passado do homem quanto o seu presente. Daí a importância essencial de compreendermos mitos e símbolos.

Byington (1986) afirma que Jung foi o responsável por fornecer à psicologia a compreensão dos mitos como caminhos simbólicos para a formação da consciência coletiva. Para o autor, os mitos, ao se utilizarem da imaginação, facilitam o acesso da consciência ao inconsciente coletivo.

Na contemporaneidade o mito é muito utilizado no contar de estórias as crianças. Há nas estórias infantis modelos de organização psíquica altamente estruturantes. Os trabalhos do herói, por exemplo, são modelos de ação necessários para o mundo interno da criança, que se reconforta com o conto simbólico. Da mesma forma, a psicologia junguiana utiliza-se dos mitos como uma forma de amplificar a situação existencial do sujeito, que por vezes é difícil para o paciente compreender sem o recurso simbólico (BOECHAT, 2008).

Jung et. al (2008) afirma que na vida cotidiana sempre precisamos expor nossas ideias de forma racional e acabamos por aprender a rejeitar o que é relacionado à fantasia, perdendo características da mentalidade primitiva. O autor explica que o homem civilizado não sabe como reagir frente à situações que não podem ser explicadas pelo senso comum, inclusive duvidando de sua sanidade, enquanto que o homem primitivo teria uma série de explicações para tais situações, provavelmente relacionadas à espíritos e deuses.

O objetivo geral do presente artigo foi compreender a relação entre o mito da Saga do herói e o desenvolvimento da psique do homem contemporâneo. Os objetivos específicos foram: identificar no mito da Saga do herói aspectos que expressam a psique do homem contemporâneo, identificar no contexto do mito da Saga do herói, padrões vivenciados pelos indivíduos no contexto atual e propor um resgate do pensamento metafórico por meio da compreensão do mito da saga do herói. O problema de pesquisa foi: De que forma o pensamento mítico pode auxiliar na compreensão da psique do homem contemporâneo, considerando os padrões de comportamento atuais?

A importância desse trabalho está relacionada à necessidade de resgatar o pensamento metafórico, próprio da mentalidade primitiva para os dias de hoje, devido ao foco estrito unilateral que damos à racionalidade e à ciência, sem considerarmos outros tipos de pensamento que são inerentes a nós.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 HISTÓRICO E DEFINIÇÃO

Conforme Brandão (1986) a palavra mitologia deriva do grego *mýein*, que significa manter a boca e os olhos fechados. A expressão é oriunda dos antigos mistérios de iniciação. Derivados de *miéin* são também: *mystérion*, (mistérios) e *mýstes*, palavra que designa os neófitos nos mistérios, ou os iniciados.

O mito se faz presente na sociedade humana desde a antiguidade, e é a partir do século IV a.C. que surgem as primeiras indagações sobre a origem dos mitos e a forma como atuam na sociedade. Max Muller, no séc. XIX, ocupou-se com o estudo do mito buscando organizar regras interpretativas para todos eles, baseando-se no curso do sol. Muller considerava todas as mitologias, arianas, hindu, grega e germânica como referenciadas no sol e nos fenômenos naturais, o que para Boechat (2008), é um reducionismo equivocado da mitologia (BOECHAT, 2008).

1.2 MITOLOGIA E PSICOLOGIA ANALÍTICA

A mitologia foi essencial na formulação da teoria Junguiana, partindo do fato que toda a teoria psicológica foi fundamentada em psicopatologias, não foi diferente com a Psicologia Analítica. A esquizofrenia é a psicopatologia que fornece fundamentação para a Psicologia Junguiana, devido ao conteúdo esquizofrênico ter íntima relação com os mitos (BOECHAT, 2008).

No início de sua carreira na medicina, Jung, ao trabalhar com esquizofrênicos, percebeu nos delírios de seus pacientes, os chamados *mitologemas*, e, a partir de tais conteúdos, Jung tem a percepção do Inconsciente coletivo. Além disso, Jung também percebia um significado simbólico nos delírios de seus pacientes, esse era seu objetivo, seu posicionamento nunca foi totalmente descritivo e diagnóstico (BOECHAT, 2008).

O significado do delírio, pode ter conotação pessoal, no entanto, ocorrem casos em que há uma tonalidade coletiva: “Quando a tensão dos opostos é quase insustentável, o delírio vem apresentar conteúdos de tonalidade impessoal pertencentes ao inconsciente coletivo. Tal é a natureza dos mitologemas (BOECHAT, 2008, p. 32).

Jung fala sobre a influência da mitologia na psique especificamente no processo de cura, segundo o autor, são frequentes os sonhos mitológicos em um paciente em processo psicoterapêutico. Ele afirma que as representações míticas vão até as profundezas da alma humana, onde não há razão, pois a linguagem é outra, e mobiliza o íntimo do homem. Tal regressão tem o significado de “concentrar e integrar forças, que no decorrer da evolução vão constituir uma nova ordem” (JUNG, 2004 § 19).

O mito no dinamismo consciente-inconsciente se dá por duas formas de pensamento. Essas formas de pensamentos foram analisadas por Jung, que define como dois tipos de pensamentos, um de forma consciente e linear, que serve as funções do ego, e um de forma circular, mitológico, que ocorre ao sonhar fantasiar, etc. (BOECHAT, 2008).

O ego tem o pensamento voltado para a adaptação à realidade externa; é linear e funciona pelo mecanismo de associação de ideias racionais. O inconsciente, como já mencionamos, opera pelo mecanismo associativo de imagens mitológicas” (BOECHAT, 2008, p. 35).

1.3 ARQUÉTIPOS

O arquétipo é uma expressão adotada por Jung desde 1927, que representa um enigma, isto é, uma ideia abstrata expressa sob a forma de metáforas, portanto incapaz da apreensão puramente racional do ser humano. É composto principalmente por fatores e temas que ordenam o sistema psíquico, e está intimamente ligado ao que representa “padrões de comportamento” desde familiares até biológicos, sendo influenciado pela cultura, ideias religiosas, povos primitivos e a história da humanidade em si (JACOBI, 2016).

A origem do arquétipo permanece obscura, uma vez que reside no inconsciente coletivo, ao qual não se tem acesso direto. Apenas se pode ter um acesso indireto por meio das imagens arquetípicas, encontradas nas manifestações da psique (JACOBI, 2016).

Os conteúdos arquetípicos geralmente acompanham a estrutura psíquica na vida do indivíduo de forma latentes, como possibilidade psicóide, e é atualizado de acordo com a vida exterior e interior do indivíduo, recebendo uma forma que é representada diante do mesmo pela consciência, a assim chamada imagem arquetípica. O arquétipo repousa no inconsciente coletivo como um ponto nodal, que não pertence à realidade psíquica do indivíduo. Quando este é reconhecido pela consciência do indivíduo, através da representação que a consciência deste exerce sobre a realidade arquetípica, ela é uma imagem arquetípica, ou seja, existe o arquétipo imperceptível, ainda latente, e o arquétipo já atualizado que se expressa a partir da realidade psíquica consciente do indivíduo, se tornando imagem (JACOBI, 2016).

De acordo com Jung “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (JUNG, 1986a: §6).

Como a consciência individual se altera constantemente de acordo com a época vivida, nenhum arquétipo pode ser reduzido a uma fórmula absoluta. Ele sempre irá exigir novas interpretações uma vez que toma forma em alguma matéria ou tema da vida do indivíduo. No entanto, alguns mitos, como o do herói por exemplo, são constantemente contados de formas diferentes em nossa contemporaneidade, indicando alguns motivos ou temas principais (JUNG, 1986).

De acordo com Jung:

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas (JUNG, 1986a: §89).

A seguir descreve-se um pouco sobre as etapas da saga do herói.

1.4 A SAGA DO HERÓI

Para Campbell (1990), um herói ou heroína é alguém que realizou algo além do normal e corriqueiro, e que deu a vida por algo maior, um ideal. O ato que o herói realiza é dividido em dois tipos: físico e espiritual. Os atos físicos ocorrem nos casos em que os heróis através de sua coragem, realizam atos notórios em grandes batalhas, como salvar a vida de alguém, por exemplo. Os espirituais, por outro lado, são aqueles em que o herói aprende a lidar com um nível superior da espiritualidade humana e retorna com uma mensagem (CAMPBELL, 1990).

Campbell (1997) descreve a saga do herói por meio de fases, que são comuns a todas as histórias heroicas, tais como a partida, a iniciação e o retorno. Abaixo, dispõe-se uma tabela com as fases de cada etapa:

QUADRO 1 – Fases da Saga do Herói

Saga do Herói: Estágios e Fases	
A Partida	O Chamado da Aventura
	A Recusa do Chamado
	O Auxílio Sobrenatural
	A Passagem pelo Primeiro Limiar
	O Ventre da Baleia
A Iniciação	O Caminho de Provas
	O Encontro com a Deusa
	A Mulher como Tentação
	A Sintonia com o Pai
	A Apoteose
	A Bênção Última
O Retorno	A Recusa do Retorno
	A Fuga Mágica
	O Resgate com Auxílio Externo
	A Passagem pelo Limiar do Retorno
	Senhor dos dois Mundos
Liberdade para Viver	

FONTE: CAMPBELL (1997).

O primeiro estágio da saga do herói chama-se “A Partida”. Neste envolve uma série de fases onde o herói é convocado para seu desafio e metamorfose. O ponto de partida é o chamado da aventura, onde o herói é deslocado de sua zona de conforto e se vê diante de uma região desconhecida, como uma floresta, um reino subterrâneo ou um novo emprego por exemplo. Neste estágio o herói tem de se haver com seu ímpeto de recusar o desafio, pois a tendência natural é de ficar em sua zona de conforto, o que levará ao lado positivo de se aceitar o desafio (transformação) e o lado negativo de recusá-la (tédio, estagnação) (CAMPBELL, 1997).

Para aqueles que aceitam a partida e entram na jornada do herói, existe uma fase de auxílio sobrenatural, onde o herói encontra uma figura protetora que fornece conselhos e amuletos para protegê-lo. Com eles o herói tem de atravessar o desconhecido (limiar) que comumente é protegido por um guardião que irá desafiá-lo a provar sua coragem de “atravessar a margem” para a nova experiência. E a entrada do herói neste novo local (uma ilha, reino acima do céu, lugar além dos limites do cotidiano), provando sua coragem e encarando o risco de sua própria auto-aniquilação, marca o final do estágio de partida (CAMPBELL, 1997).

1.4.1 Iniciação

O estágio seguinte chama-se “a iniciação”. Composto também por uma série de fases, inicia com o caminho de provas, onde o herói tem de sobreviver à uma série de provas e testes. Um dos testes é considerado encontro com a figura mitológica da mãe universal, onde o herói enfrenta o conflito entre ter uma atitude de criança ou de adulto em relação à mãe. Assim que enfrenta a mãe universal ele é liberado de suas limitações, representando que agora tem o total domínio por sua vida, ocupando o lugar do pai. Esse lugar de pai, representação do divino, agora está em harmonia com o herói e amplifica sua força, levando-o a uma consciência divina, ultrapassando os terrores da ignorância e podendo se colocar à disposição dos outros seres. Agora este herói é um homem superior, um rei nato. “Onde o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra nenhum empecilho e não comete erros” (CAMPBELL, 1997, p. 92).

1.4.2 RETORNO

A última etapa da saga do herói é o retorno. Nesse momento o herói deve regressar à sua comunidade com a mensagem de sabedoria atingida. No entanto essa etapa também é de frequente recusa, pois os heróis querem muitas vezes ficar no reino dos imortais. Uma vez que esse herói tem agora a sabedoria, outros sábios também podem o invejar e pode ser que ele tenha que fugir de ataques dos invejosos em seu retorno para o lar. Pode acontecer também do herói precisar de um resgate externo, quando a própria sociedade o convoca a retornar pois precisam dele (CAMPBELL, 1997).

Quando o herói regressa, ela cruza o limiar novamente entre o mundo divino e o mundo humano, que na verdade sempre estiveram um contido no outro. No entanto o mundo divino, ou metafórico, é uma dimensão esquecida em nosso cotidiano, e agora o herói pode fazer a distinção entre os dois mundos, agregando valores que antes eram desconhecidos para o mesmo. O regresso se torna então o senhor de dois mundos, capaz de ir e vir dos dois mundos, ele é o mestre, tem a compreensão de dois lugares ao mesmo tempo, e pode então ser livre para viver, não mais ignorante, mas firme em sua totalidade, eterno e inalterável (CAMPBELL, 1997).

1.5 PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Jung sempre destacou a importância do estudo dos sonhos, a partir de seus estudos, o autor descobriu que além da vida cotidiana do sonhador, os sonhos são parte de uma grande teia de fatores psicológicos, e que os sonhos em conjunto obedecem à uma determinada configuração. Jung nomeou essa configuração de *Processo de Individuação* (JUNG et. al, 2008).

Jung (2011a) define individuação como o ato de tornar-se um ser único, compreendendo a própria singularidade, ou seja, 'tornar-se si mesmo'. O autor diferencia o conceito de individualismo e individuação, em que o primeiro está relacionado dar ênfase a peculiaridades individuais em oposição ao interesse do coletivo. Individuação está relacionada à realização das qualidades coletivas do ser humano, considerando adequadamente as questões individuais, o que culmina em um bom rendimento social. No processo de individuação, o homem procura realizar a peculiaridade do seu ser, porém, isto é totalmente oposto à individualismo e egoísmo.

Sobre o processo de individuação, Jung enfatiza a importância de se distinguir "o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros". Segundo o autor, durante o processo, o homem deixa para trás a persona, ou 'máscaras' que faz uso nas relações sociais, para ser ele mesmo (JUNG, 2011).

1.6 SACRIFÍCIO E SOFRIMENTO

A etimologia da palavra sofrimento é encontrada no latim, *ferre*, e no grego, *pherein*, dando origem à *suffere*, que significa tanto carregar, carregar por debaixo, como, oferecer, suportar e permitir. Desde o século XVI a palavra “sofrer” está relacionada à dor, da mesma forma que a definição de dor nos dicionários remete à sofrimento (BARUS-MICHEL; CAMPS, 2003).

O sofrimento pode ser sentido em sua forma física ou subjetiva (moral), psíquica. Sobre a definição do sofrimento moral, Barus & Michel (2003, p. 55) afirmam ser:

[...]sensação penosa, emoção desagradável, sentimento de infelicidade num grau mais ou menos intenso, com uma certa duração, ligado a uma representação difícil ou impossível de suportar. Mesmo sendo obscuro, indefinido, ou até ignorado, supõe-se sempre que o sofrimento tenha uma causa, esteja ligado a uma experiência, a um acontecimento que feriu, abalando o equilíbrio psíquico, afetando-o negativamente.

A palavra sacrifício tem sua origem do latim, da expressão *sacra facere*, ou seja, ‘fazer o sagrado’. A expressão é relacionada a rituais em que um ser profano se torna sagrado por meio de uma transformação de suas características (GERARD, apud PEREIRA, 2001)

Pereira (2001) afirma que existem várias concepções de sacrifício, e ressalta duas delas: o sacrifício imposto e o sacrifício relacionado a uma disposição de amor. No segundo tipo, entende-se como sacrifício o ato de privar-se de algo por um bem maior. Nessa categoria, o sacrifício pertence ao âmbito do sagrado, e o ato serve como mediador entre aquele que se sacrifica e a divindade, onde geralmente um bem é oferecido para a honra de um ser superior.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada por meio do método chamado pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica tem por intuito utilizar documentos já elaborados, tais como livros, artigos, periódicos entre outros documentos para que se proponha um melhor conhecimento e aprofundamento do tema selecionado (SANTOS, 2011).

A análise dos resultados foi realizada com base no paradigma junguiano, considerando o pesquisador como participante ativo do processo de produção do conhecimento, e propenso a interagir de forma consciente e inconsciente com o fenômeno a ser pesquisado (PENNA, 2007)

Para Penna (2009), os resultados de uma pesquisa são sempre delimitados pelo contexto em que estão inseridos. No que se refere ao presente trabalho, a perspectiva de análise dos resultados foram os contextos cultural e histórico. Penna (2009) descreve o contexto cultural como sendo uma perspectiva que abrange as expressões do material coletado na cultura em geral. Quanto ao contexto histórico, está relacionado à delimitação histórica do fenômeno, incluindo documentos e textos históricos.

Penna (2009) se refere à metodologia como sendo uma produção coletiva que surge por meio do inconsciente coletivo para a consciência. Os mitos são um tipo de conhecimento produzido pela humanidade desde as épocas mais primitivas, sendo assim, pode ser considerado como uma das primeiras formas de conhecimento registrado.

Há registros de que pensamentos mitológicos tenham sido encontrados da mesma forma em culturas e contextos sociais muito diferentes pelo mundo, para Penna (2009, p. 32), tal fato caracteriza “um modo de formular conhecimento típico de uma época.” A própria filosofia é uma forma de produzir conhecimento considerada “herdeira” da mitologia, sendo que houve um tempo em que as duas formas de produzir conhecimento coexistiram, com a filosofia tendo substituído os mitos aos poucos (PENNA, 2009).

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A compreensão sobre a relação entre o mito da Saga do herói e o desenvolvimento da psique do homem contemporâneo, se dará no cenário do processo psicoterápico. Esse diálogo será realizado por meio dos pressupostos teóricos da Psicologia Complexa. Nesta, Jung (2004) fala sobre a psicologia do inconsciente e sua relação com os mitos:

A psicologia do inconsciente comporta-se da mesma forma que as sagas, lendas, mitos e religiões, com as figuras psíquicas, que surgem nos sonhos, nas fantasias, nas visões e alucinações. No conjunto do campo psíquico, existem motivos, quer dizer, figuras típicas, cujos rastros podem ser seguidos até a história antiga e mesmo até a pré-história e, por conseguinte, podem ser chamadas de arquetípicas. (JUNG, 2004, § 254)

Sendo os mitos constructos arquetípicos, será realizada a análise das fases do mito do herói, considerando a influência arquetípica na psique do homem contemporâneo por meio da atuação do inconsciente.

Jung (2004) elencou 4 etapas possíveis de ocorrerem no processo psicoterápico: *confissão, esclarecimento, educação e transformação*. Na presente análise será realizado um paralelo entre tais etapas e as fases da saga do herói, onde a Confissão corresponde à Partida, Esclarecimento e Educação à Iniciação e Transformação ao Retorno.

A *Partida* é a primeira fase da Saga do herói, é o momento em que este, por algum evento, é colocado para fora de sua zona de conforto, em uma região desconhecida. Pode-se entender A *Partida* como contemplando o momento que precede a terapia, o incômodo, o conflito que faz o indivíduo buscar ajuda, ou seja, sair de sua zona de conforto. A fase da confissão da psicoterapia junguiana, é a etapa em que “o paciente toma consciência de tudo o que está oculto, reprimido, carregado de culpa, de tudo o que o isola do convívio com seus semelhantes” (VON FRANZ, 1975 p. 59), ou seja, se dá conta do que o incomoda e é obrigado a sair de sua zona de conforto. O fato de tomar consciência do que está oculto e reprimido, é representado na saga do herói pela travessia do mundo desconhecido para o conhecido. Sobre isso, Von Franz (1975 p. 59) afirma: “Esse primeiro estágio de catarse (purificação) serve para trazer à consciência a sombra, isto é, os aspectos sombrios inferiores da nossa personalidade.”

A segunda fase da Saga do Herói, *Iniciação*, é composta pelo caminho de provas, é quando o herói deve sobreviver à provas, utilizando-se do auxílio de conselhos recebidos anteriormente e amuletos. O herói então alcança a consciência divina, superando a ignorância e se coloca à disposição para realizar a libertação de outros seres (CAMPBELL, 1997). No processo terapêutico pode se comparar a fase de Iniciação, com os estágios de *elucidação* e *educação*, também chamado de *auto educação como um ser social*. No estágio da elucidação, é realizado um trabalho em torno de fantasias inconscientes, com o objetivo de trazê-las à consciência (VON FRANZ, 1975). Tal processo, pode ser relacionado à superação da ignorância na Saga do Herói, ou seja, do que estava inconsciente e agora é consciente. Em seguida, ocorre o estágio da educação como um ser social, que pode ser considerado um primeiro objetivo alcançado na psicoterapia, no que se refere à normalidade (VON FRANZ, 1975). Ou seja, o indivíduo, como herói, já domina os obstáculos que tinha anteriormente para seguir em sua jornada psicoterapêutica.

A terceira e última fase da Saga do Herói é denominada *O Retorno*. Nessa fase, após terminar sua jornada, o herói deve retornar à comunidade munido dos símbolos e sabedoria atingida. Ele torna-se “senhor dos dois mundos”, e pode ter o entendimento dos dois lugares ao mesmo tempo (CAMPBELL, 1997). O último

estágio da psicoterapia Junguiana, a transformação, foi posteriormente descrito como individuação por Jung. O entendimento e resgate dos mitos está intimamente relacionado ao processo de individuação descrito por Jung (2011a), onde o homem passa por um processo de deixar suas máscaras de lado e tornar-se si mesmo. Passa a compreender melhor quem realmente é, no entanto, individuação não significa individualismo, pois o homem agora com a real compreensão da totalidade (dos dois mundos) age de forma que auxilie o coletivo.

Durante o processo psicoterapêutico pode também ocorrer uma recusa do paciente em finalizá-lo e uma espécie de apego à terapia, o que se relaciona com o fato de o herói recusar-se a sair da ilha dos seres imortais, no entanto, tal fato é uma parte do processo a ser compreendida e posteriormente solucionada.

Sobre a relação da mitologia com os padrões de comportamento das pessoas na contemporaneidade, Jung (1975, p. 130) afirma:

Entre os assim chamados neuróticos de hoje, um bom número não o seria em épocas mais antigas; não teriam se dissociado e se tivessem vivido em tempos e lugares em que o homem ainda estivesse ligado pelo mito ao mundo dos ancestrais, vivendo a natureza e não apenas a vendo de fora; a desunião consigo mesmo teria sido poupada. Trata-se de homens que não suportam a perda do mito, que não encontram o caminho para o mundo puramente exterior, isto é, para a concepção do mundo tal como a fornecem as ciências naturais, e que também não podem satisfazer-se com o jogo puramente verbal de fantasias intelectuais, sem qualquer relação com a sabedoria.

O mito se comunica com o homem através de uma metalinguagem (metade de linguagem). Sua importância não está na mensagem que contém o objeto em si, mas sim na forma como profere esta mensagem buscando expressar o mundo e a essência da realidade humana, através de uma representação coletiva que ultrapassa gerações (BRANDÃO, 1986).

Na atualidade perdeu-se o hábito que o homem primitivo tinha de explicar e compreender os fenômenos de forma metafórica, esse resgate da mitologia torna-se necessário também pelo motivo de resgatar a história consciente e inconsciente da humanidade.

Brandão (1986) apresenta uma ideia de mito onde através do ato de lembrar do mito o homem torna-se apto a repetir o que os deuses e os heróis fizeram nas origens da humanidade. Através desse entendimento a respeito de suas origens o homem aprende o segredo de seus ancestrais, o que lhe dá um poder mágico sobre as coisas, uma vez que pode compreendê-las e dominá-las.

Atualmente, ao se analisar os sintomas do comportamento moderno, percebe-se uma unilateralidade e uma perda da ligação com o divino, as doenças mentais época, em sua maioria depressão e transtornos psicológicos, podem expressar essa parte da psique não integrada. Sobre o assunto, Von Franz (1975, p. 60) afirma:

Na busca do mito perdido, muitos se voltam para os ensinamentos do Oriente, outros querem retornar à natureza e outros ainda tentam encontrar uma abertura para a experiência imediata e para o inconsciente por meio das drogas. Assim, a atual dissociação neurótica leva constantemente a crises maiores. Mal sabemos se as pessoas mais normais não são aquelas que se recusam a adaptar-se a uma época fora do eixo, mas há de fato muitas pessoas genuinamente neuróticas e preguiçosas que usam esse argumento para ocultar sua inferioridade social concreta.

Percebe-se então, que as pessoas estão buscando essa ligação, porém, por vezes, sem a orientação necessária, dessa forma, compreende-se como imprescindível o trabalho da Psicologia Analítica em resgatar essa porção histórica e integrante do inconsciente do homem que é o mito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Normalmente a história do herói começa quando o mesmo é usurpado de algo. Algo lhe foi tomado causando-lhe a sensação de que está incompleto de alguma maneira. Logo ele parte em direção a uma aventura que ultrapassam o usual, para desta forma resgatar aquilo que lhe foi tirado (CAMPBELL, 1990).

Por vezes as pessoas sentem que algo lhes foi usurpado, mesmo que seja a própria subjetividade, racionalidade ou emoção. Hoje em dia, gasta-se uma quantidade muito grande de energia em várias áreas de nossa vida, em busca de atender às demandas da sociedade, o que gera muito sofrimento e adoecimento. A importância de que as ações e os objetivos tenham profundidade de significado é clara, visto que uma busca com significado pode ser permeada por sacrifícios, porém, ao fim, será alcançada uma compreensão e sabedoria, sendo que ações vazias de significado, realizadas apenas para atender às exigências materiais do mundo contemporâneo, acabam por gerar doenças e sofrimento.

Por meio do presente artigo foi possível verificar a importância do entendimento da mitologia como componente da psique e de seu resgate como forma de evitar a dissociação entre o mundo contemporâneo e a ancestralidade, um dos fatores

causadores de sofrimento contemporâneo. No que tange a compreensão dos fenômenos humanos, pode-se dizer que a Psicologia Analítica tem papel crucial em tal questão, visto que é uma abordagem da Psicologia que proporciona o resgate dos mistérios da mente, uma compreensão aprofundada sobre os significados dos conteúdos trazidos pelos pacientes e suas estruturas arquetípicas. Independente da época e das transformações modernas é importante compreender que permanece o potencial do homem coletivo, e que resgatar esse potencial faz parte de um aprimoramento do homem moderno além de ser um fator potencializador da saúde na contemporaneidade. O equilíbrio entre o moderno e o antigo revela o sábio dentro de cada um.

REFERÊNCIAS

- BARUS-MICHEL, J.; CAMPS, C. Sofrimento e perda de sentido: considerações psicossociais e clínicas. **Psic: Revista da Vetor Editora**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 54-71, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- BOECHAT, W. **A mitopoese da psique**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BYINGTON, C. Prefácio. In: BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 25-43.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- _____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- GODOY, I. F. **O Mito como modalidade originária de pensamento**. 2015. 52 f. Tese de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – FAE Centro Universitário, Curitiba, 2015.
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. **Memórias, sonhos e reflexões**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1975.
- _____. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 5. (Obras Completas de C. G. Jung).
- _____. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- _____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 9.
- PENNA, E. M. D. Pesquisa em Psicologia Analítica: Reflexões sobre o Inconsciente do Pesquisador. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 57, n. 127, p. 127-138, dez. 2007.
- _____. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. 2009. 231 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PEREIRA, J. C. A eficácia simbólica do sacrifício. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- SANTOS, I. E. dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. Niterói: Impetus, 2011.
- VON FRANZ, M.-L. C.G. **Jung: seu mito em nossa época**. Cultrix: São Paulo, 1975.